

Luís Saia

O projeto das obras mandadas executar pelo S. P. H. A. N. nas localidades paulistas de S. Miguel e Embú, não se referiu, de início, aos exemplos congêneres anteriores. As razões desta relativa independência residiram na bem caracterizada diferenciação técnico-regional e no estado de ruína e deformação a que haviam atingido os edifícios em questão.

Preliminarmente os dois problemas centrais do projeto - reforço da estrutura e tipo de revestimento - eram determinados de tal modo pelas condições e características específicas das construções que seria temerária uma solução que não fosse também específica.

A preliminar mais importante a considerar foi a seguinte: tanto a igreja e convento de Embú como a capela de S. Miguel foram edificados com paredes de terra socada em taipas. É fácil ver porque tais construções, ainda que em certos períodos espaçados de tempo continuassem a corresponder ao programa exigido delas, não resistiram senão parcialmente à ação do tempo. É mesmo notável um traço da arquitetura paulista que a diferença daquela das outras regiões brasileiras: enquanto que em Minas, por exemplo, a arquitetura, sobretudo a arquitetura religiosa, atravessou bons séculos sempre correspondendo a um programa estável, e sempre portanto relativamente protegida, no estado de S. Paulo, as profundas transformações sociais e econômicas vieram determinar o abandono de núcleos florescentes e ricos em benefício de outros recém fundados, de grande voracidade demográfica.

São conhecidos, neste sentido, os exemplos de Paranaíba, antiga rival de S. Paulo, deixada ao abandono quase total e o das aldeias jesuíticas, em pouco tempo arruinadas de todo. A própria

cidade de S. Paulo, sem a mínima saudade da sua primeira infância, vai se recriando constantemente. E é sabido que, em arquitetura, o funcionamento é condição vital de saúde e conservação.

No caso dos dois edifícios religiosos escolhidos pelo S. P. H. A. N. para o início das suas atividades diretas de proteção aos monumentos existentes no E. de S. Paulo (capela de S. Miguel (1622)); igreja e convento de Embú (fim do século XVII), ambos tiveram a sua feição primitiva bastante alterada quer pelo abandono ou mudança de programa, quer pela própria condição de precária resistência da estrutura à ação do tempo.

Um recenseamento rápido das alterações por que passaram os dois edifícios em questão mostra a importância delas no sentido de comprometer as estruturas.

Na capela de São Miguel, uma primeira alteração de muito interesse para a construção foi a elevação do pé-direito do corpo da nave. Apesar de até agora não se haver encontrado nenhuma referência bibliográfica relativa a esta reforma, a pesquisa nos elementos da construção não deixa dúvida nenhuma quanto a ter sido ela feita. Até a altura de aproximadamente 4 metros, as paredes são de terra socada em taipas; o restante do pé-direito, que atinge 6 metros, é executado com adobe (fig. 1). Pelas coincidências de alturas, corte da parede de taipa, etc., pode-se reconstruir com bastante exatidão o plano do primitivo edifício (fig. 2), cujo aspecto geral coincide, aliás, com o da capela de S. Angêlo (Mogi das Cruzes, 1736) (fig. 3). Nessa época, com toda a certeza, foram introduzidas também algumas reformas na armadura do telhado do restante do edifício principal com o objetivo

* *Revista Arquitetura e Urbanismo*, maio e junho de 1940.

de, ganhando mais altura, obter, pelo corredor lateral, um acesso ao coro. Se esta modificação na armadura do telhado veio destruir a dupla inclinação que lhe equilibrava e sossegava bastante o vasto pano primitivo (fig. 2 e 4), diminuindo então, com a alteração da nave; mais tarde, porém, o próprio telhado da nave, veio a sofrer uma transformação importante: o vão livre perdeu em comprimento os espaços laterais tomados pelas larguras dos esteios, que foram encostados nas paredes laterais da nave e sobre os quais, parcialmente viram se apoiar os feichais (fig. 1). Indicando que esta mudança na armadura do telhado da nave é de época posterior à elevação do pé-direito, encontrou-se um revestimento entre os esteios indicados e as paredes, mesmo na parte onde esta é de adobe (fig. 5). Aliás, posteriormente, o pano entre estes esteios foi preenchido com uma camisa de tijolo, cujos vestígios são visíveis na fig. 1. Tanto relativamente a este último trabalho como referentemente às outras reformas (tais como a substituição da balaustrada externa do “corredor”, abertura de uma janela na parede externa da nave no lugar onde existia apenas um óculo, etc.) as conclusões da análise direta dos detalhes técnicos encontrados coincidiram inteiramente com os informes dos velhos habitantes da localidade.

Em Embú, sabe-se que ao padre Belchior de Pontes é devida a construção da igreja. O restante do edifício-corpo do convento e talvez a atual sacristia foram edificadas no mínimo em três épocas distintas, o que se pode verificar nos pontos de ligação dos corpos. Aí as paredes mais antigas mostravam-se lisas, independentes das posteriores (fig. 6).

Recentemente, a contar do fim do século passado, reformas desastrosas vieram deformar profundamente várias partes deste edifício: a fachada e a torre primitivas sofreram demolição e reconstrução completa. O pior é que o trabalho então executado deu à fachada um aspecto tão falso e desvalorizador (fig. 7) que, só mesmo um faro apurado poderia adivinhar, atrás dela escondido, um documento verdadeiramente notável de arquitetura tradicional.

Nas partes posteriores do colégio, o aspecto do edifício perdera também todo o caráter com acréscimos de aberturas para portas e janelas novas, com o fechamento de outras, com a execução de

parcial camisa de tijolo e contrafortes (fig. 8) nos lugares mais ameaçados pela ruína completa.

Compreende-se facilmente que, depois de tantas transformações, as estruturas de ambos edifícios estivessem em estado precaríssimo, com a sua estabilidade comprometida por vastas trincas cortando as paredes de alto à baixo.

As paredes situadas no lado das chuvas mais insistentes, tendo perdido o revestimento na parte inferior, não protegida pelo beiral, se afirmavam corroídas pelas águas, (fig. 9) tal como é comum observar-se nos velhos muros de taipa cuja seção apresenta a forma aproximada de um tronco de cone voltado para baixo.

Das condições ímpares em que se encontravam os dois monumentos surgiram as duas soluções centrais do projeto:

1) reforçar a estrutura introduzindo, nas paredes de taipa, um verdadeiro esqueleto de concreto armado, disposto segundo colunas e vigas com o fim de se obter não apenas uma amarração eficiente mas também uma base para a armadura do telhado. Em síntese, o processo consiste em transformar a estrutura encontrada num sistema indeformável, com a transferência dos esforços para a armadura de concreto armado.

2) a solução teórica do revestimento, a prática posterior veio confirmá-la, tinha como aspecto principal a obtenção de um revestimento que, não roubando a parede de taipa o seu aspecto característico, mantivesse, entretanto um alto coeficiente de impermeabilidade. A dificuldade estava em se obter junção de materiais de tensão interfacial diferente. O processo tradicional que usava largamente o estreme como elemento de ligação, apresentava vários inconvenientes: difícil mão de obra, utilização de material de manipulação desagradável etc. além de considerado falso atualmente. Na solução adotada se preferiu executar o emboço usando diversas camadas sucessivas de teor sempre crescente. As primeiras camadas, executadas com saibro quase puro, vieram estabelecer a ligação da terra da taipa com as seguintes, de reboco cada vez mais “forte”.

É claro que tanto uma como a outra solução tiveram que sofrer acomodações nos casos especiais que

forma surgindo com o andamento das obras. Um vão livre (fig. 10), que não poderia receber uma viga aparente, teve apenas os ferros embutidos no frechal. Nos pontos de ligação entre concreto e taipa, o problema do revestimento tornou-se mais complexo, sendo portanto, tratado de maneira especial (fig. 11).

Uma vez aprovado o projeto pela direção do S. P. H. A. N. os trabalhos foram iniciados em julho do ano passado, numa ala posterior do colégio de Embú, (fig. 12 e 13) onde as transformações haviam sido sobremodo violentas e deformadoras. Aí, um contato mais íntimo com a construção de taipa foi revelando os segredos, os detalhes quase sutis que indicavam o lugar e medidas exatas de uma janela substituída ou uma varanda fechada (fig. 12), os indícios de uma envasadura recente. Enfim, as próprias indicações encontradas na construção é que foram fornecendo o melhor conselho em cada caso especial e a orientação mais acertada para a solução de cada problema particular.

De um modo geral, agora que as obras entraram numa fase de acabamento, as soluções poderiam ser esquematizadas da seguinte maneira:

a) para as peças de madeira (da armadura do telhado, batentes, etc.) o critério geral foi conservar aqueles elementos em bom estado e substituir, por novas da mesma bitola e desenho, as peças apodrecidas.

b) para as envasaduras cujos detalhes (sempre confirmado por informes) indicavam abertura recente, o critério foi fechá-las.

c) ainda que o critério de propriamente restaurar não tivesse constituído a orientação predominante, certos detalhes onde reformas recentes vieram comprometer seriamente o valor do documento tradicional, foram trabalhados no sentido de fazê-los retornar, senão exatamente ao que foram, pelo menos ao espírito geral do tipo de arquitetura a que pertencem os dois edifícios. Em Embú, na igreja, foram retiradas a platibanda e a torre (fig. 14); na capela de S. Miguel (fig. 15) foi feito o gradeado que fechava o "corredor lateral" e na nave foi retirada a inútil camisa de tijolo que cobria o pano entre os esteios aí existentes.

d) Em relação à pintura e madeira entalhada, que em Embú assumem uma importância excepcional, o critério escolhido é fixar, proteger, consolidar.

De conformidade com as conversações já entabuladas entre o S. P. H. A. N. e as autoridades eclesiásticas paulistas a capela de S. Miguel continuará a funcionar como matriz da localidade do mesmo nome; no edifício do antigo Colégio de Embú se instalarão padres da Companhia de Jesus e aí funcionará um centro de estudos jesuíticos.